

A NOÇÃO DE THEÓS

HENRIQUE GRACIANO MURACHCO *

Um recorte, mesmo pequeno, sobre o vocabulário do sagrado e a noção de 'theós' levará necessariamente à etimologia e à filologia. Todo o vocabulário grego acerca do divino está ligado às manifestações concretas dos elementos naturais. Mesmo não levando até as últimas conseqüências nossa idéia de que o homem reage diante e pelo concreto, e que todo o vocabulário primitivo tem essa marca, isto é, um sentido concreto, podemos traçar certas linhas de coerência entre o que o grego do século V a.C. entende por religião e por 'theós', e o vocabulário primitivo, indo-europeu com referência ao sagrado e ao divino.

É isso o que parece sugerir a relação de nomes dos deuses no universo das línguas indo-européias. Esse vocabulário é um produto do homem e de sua visão de mundo: de um lado, a visão de que o homem visível é animado por um ser sutil que não deixa de existir depois da morte e que, por isso, exige certos cuidados e respeito; de outro lado, a visão de que grandes forças cósmicas e o próprio espetáculo cósmico emanam e são movidos por seres superiores dotados de poder à altura da grandiosidade do Todo. Mas o homem, diante disso, só pode exprimir estupefação, e daí os sentimentos de medo e veneração, nascidos dele mesmo e das referências que ele mesmo encontra e transforma em linguagem. A denominação dos deuses parte dessa visão do homem sobre os fenômenos e como eles atuam em sua vida.

Embora criticada por certos antropólogos, etnólogos e lingüistas, continua válido o que disse Max Muller: "... A lição importante que a ciência da linguagem nos traz é que toda a coisa que foi denominada, foi, no princípio, como ativa, em seguida como personificada e daí humana. Quando uma pedra era 'cortante', um dente 'triturante'... a dificuldade não estava em como personificar mas em como despersonificar." Mas, todas essas forças cósmicas e suas manifestações individuais sobre a vida e destino do homem, ao individualizar as relações dos homens com elas, através de cultos específicos, no universo indo-europeu tendem a uma convergência para um ser superior que preside tudo. O vocabulário indo-europeu mostra bem isso. Vejamos a idéia de Zeus, o 'pai dos deuses e dos homens', segundo Homero.

No domínio do indo-europeu, Zeus é a imagem do 'deus supremo', conforme vocabulário desses diversos povos. Assim, entre os hindus, ele é 'Dyaus pitar'; é 'Zeus pater' entre os gregos; é 'Deipaturos' entre os Ilíricos; é 'Júpiter' (Zeus päter) entre os latinos; é 'Zeus Papaíos' entre os citas. A palavra Zeus, também 'Diá', exprime a idéia de céu claro, do dia: em latim, 'syb diuo' (sob o divino) significa sob o céu, isto é, ao ar livre, mas sem referência ao céu material, assim como a expressão 'Terra-mãe' não é confundida com a terra que pisamos.

Se 'Dyaus' entre os hindus é céu, 'Divo Asura' é o 'Senhor do céu', é 'Ahura Mazda' aquele que veste o manto tecido pelos espíritos e coberto de estrelas. Em grego Céu é 'Ouranos', a abóbada celeste que guarda, protege, que 'cobre' a terra. Pelo casamento de Ouranos e Gaia inicia-se a geração dos deuses. O céu côncavo, que envolve o mundo com sua abóbada, é 'Camulus' entre os celtas. Daí se origina o hábito de venerar o deus nos cimos das montanhas'. É isso, ainda, que nos revelam os vários apelidos que tem: 'Júpiter Penninus', ou dos cimos, venerado pelos gauleses nos Alpes; 'Zeus Olympios', do Olimpo, 'Zeus Hypsistos', o altíssimo, 'Zeus Akarios', dos cumes, 'Zeus Koryphaios', das alturas.

Heródoto (I,131) diz dos persas; "... Eles costumam fazer sacrifícios a Zeus subindo no topo das montanhas e chamam Zeus toda a abóbada celeste". Zeus governa o céu, ele é o senhor do raio, faz chover, é o 'Zeus ómbrios', 'hyétios' (da chuva-chuvoso). O 'nephelegerétes' (ajuntados das nuvens), o 'terpikéraunos' (que se diverte com raios), o 'argikéraunos' (que brilha no raio). Tais associações, da chuva com o raio, o corisco, o trovão, encontramos em todos os povos. É o 'Jupiter Fulgur' latino, o que brilha, ou também 'Lucetius', o que ilumina. É o deus das tempestades, 'Perkumas' para os lituanos; é o 'Perun' (raio) dos eslavos; é também o velho deus germânico 'Fjoergynn', das tempestades e dos cimos, substituído mais tarde por Thor e Wodan.

* Professor da USP - Departamento de Letras Clássicas e membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos SBEC.

Perkumas e Perun (raio) estão ligados a percus, carvalho (do latim, quercus), árvore majestosa e por isso a árvore do raio. O mais antigo santuário de Zeus na Grécia é o Carvalho de Dodona, que pelo vento nas folhas revelava as coisas secretas. Também entre os latinos 'Jupiter Feretrius' era venerado no carvalho.

Essas rápidas e incompletas pinceladas mostram que, de fato, há uma visão monoteísta no que denominamos paganismo. Zeus e suas várias denominações é o 'primus inter pares' dentre os deuses do céu brilhante, que formam o grupo especial dos gênios da natureza e dos elementos.

Na Grécia também Zeus é o grande deus meteorológico, o que mora nas montanhas, no Lícaion (Arcádia), no Oros (Egina), no Ida (próximo a Tróia), onde ele tem seus 'terrenos' e altar, e é aí que, envolto numa nuvem, une-se a Hera (cf. W. Burkert in "Religião grega na época clássica e arcaica", p. 255, ed. Calouste Gulbenkian). Mora no Monte Olimpo, ao norte da Tessália; e quando está em cima, o coro das musas entoia cantos (Hesíodo, Teogonia). Ele se manifesta através do raio, é o mais forte dos deuses, tem consciência de sua força e poder. Os outros deuses também sabem disso, pois lhe obedecem. Apenas Hera consegue dominá-lo, usando de artimanhas, como fazê-lo dormir para que os aqueus sejam derrotados pelos troianos.

Em Homero (8, 17-27) está cantada a força de Zeus:

"...vós conhecereis a seguir o quanto sou o mais forte de todos. Vamos, tentai, deuses, para que saibais todos; suspendei uma corrente do céu até o chão e todos vós, deuses e deusas, agarrai-vos a ela; mas não poderíeis puxar do céu à terra Zeus, o mais sábio de todos, nem mesmo que muito vos esforceis; mas, no momento em que eu disposto quisesse puxar, eu puxaria junto com a própria terra e o mar e amarraria em torno do pico do Olimpo, e elas todas ficariam pendentes. A tal ponto eu estou acima dos deuses e dos homens...".

Os deuses do Olimpo são filhos de Zeus sempre com uma deusa ou semi-deusa diferente: Apolo e Ártemis, de Leda; Hermes, de Maia; Perséfone, de Deméter; Dioniso, de Sêmele; Atena, de Métis (mas, de modo diferente); Ares e Hefesto, de Hera. Ele também se une a mortais ou se metamorfoseia para seduzir mortais. É touro para Europa, cisne para Leda, chuva dourada para Dânae, vaca para Io, urso para Calisto. Quando aparece, todos os deuses se levantam (Homero, *Ilíada*, 530-533).

Na verdade, todos os de Zeus, e muitos se confundem com astros, como Apolo com o Sol, Ártemis-Hécate com a lua. Um fato, no entanto, deve ser ressaltado nas divindades gregas, que contrasta com as divindades

orientais: os gregos dão nomes aos seus deuses, e assim, os associam a si mesmos, convivem com eles. Na guerra de Tróia há deuses apoiando os dois lados. Em geral, são nomes significativos, atribuídos pelos homens. O deus é um 'theós', isto é, uma visão. Por isso 'theós' é uma palavra predicativa, o nome é o sujeito.

Essa denominação a partir de referências humanas decorre, certamente, da antropomorfização das divindades, o que leva à criação das imagens, das 'éidola'. 'Éidola' é a imagem que tenho na visão (mente) que se corporifica pelas mãos, na fabricação, no 'ágalma'. A imagem, então, também é um 'theós', uma visão que representa essa ou aquela divindade, e que tem um nome.

Da criação da imagem vem a necessidade de protegê-la e, naturalmente, são construídos os templos, que são a habitação da divindade, o lugar delimitado do sagrado. É o 'naós', morada, mas há santuários antigos que não têm templos. Zeus de Dodona 'mora' no carvalho, como vimos. Ao que parece, os indo-europeus não tinham imagens dos deuses, nem templos. Heródoto (I, 131) fala dos persas:

"...Eu sei que os persas se servem de costumes como estes: eles não erigem nem estátuas nem templos, nem altares fabricados, mas consideram que é uma loucura aos que assim fazem, e como me parece, por não considerarem de natureza humana os deuses, como o são para os gregos. Eles costumam subir os mais altos cimos das montanhas e depositar vítimas, e chamam a abóbada celeste, Zeus. Eles oferecem sacrifícios ao sol, à lua, à terra, ao fogo, à água, aos ventos. Só a esses deuses eles oferecem sacrifício desde o princípio...".

Têm sido infrutíferas as pesquisas sobre a etimologia da palavra 'theós'. É o que diz P. Chantraîne (Dic. *Éthymologique de la langue grecque*), que considera a etimologia incerta. Para ele, há uma tentativa de analogia com a palavra 'dvasia', espírito em lituano, mas não convence porque, como diz, "... os gregos vêem seus deuses sob forma corpórea e não como espíritos". Se ligarmos 'theós' à raiz indo-européia *dhes*, que da 'títhemi' em grego, isto é, 'eu ponho, coloco', fica, também, muito difícil, embora E. Benveniste (in 'Le vocabulaire des institutions indo-européennes', vol.2, ed. de Minuit) sugira aproximar 'theós' dos antigos compostos gregos 'thésphatos' (fixado por decreto divino), 'thespésios' (maravilhoso) e 'theskelos' (prodigioso). Não cremos que há no conceito grego de 'theós' essa idéia de fixação, posição ou imposição. 'Theós' é uma projeção, uma idéia, uma visão pela mente. É um predicado e não um sujeito. É uma visão individual na relação ideal; não é institucional, isto é, não é da 'pólis' grega. O 'theós' da 'pólis'

tem nome e se identifica com ela. Aliás, muitas vezes, é plural e individualizado pelo uso do artigo: 'hói theói', os deuses (da e para a 'pólis').

Não podemos falar, então, de uma 'religião grega', a rigor, mas sim da religião ou religiosidade dos gregos (cf. L.Gernet, in 'Le génie grec dans la religion', ed. Albin Michel). O imperador Juliano (361 d.C.), num certo momento, tentou dar uma estrutura hierárquica ao paganismo, como ele via no cristianismo. Foi impossível, pois os sacerdotes gregos pagãos não obedeciam a nenhuma hierarquia, a nenhuma autoridade.

Esse conceito livre de 'theós', acreditamos, é causa e efeito da abertura da mente grega; a mente grega não teve limites, não teve autoridades. Ela esteve sempre, de forma contínua, numa atitude de procura, representada talvez na figura de Sócrates e na sua insaciável sofreguidão de saber.